

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

ELETICIA GOMES RODRIGUES LEITE

**GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO EM EMPRESAS AGROPECUÁRIAS DE
DOURADOS/MS**

DOURADOS/MS

2017

ELETICIA GOMES RODRIGUES LEITE

**GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO EM EMPRESAS AGROPECUÁRIAS DE
DOURADOS/MS**

Trabalho de Graduação II apresentado à Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Vaz Lopez

Banca Examinadora:
Prof. Me. Rafael Martins Noriller
Prof. Dr. Rosemar José Hall

DOURADOS/MS

2017

GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO EM EMPRESAS AGROPECUÁRIAS DE DOURADOS/MS

Esta monografia foi julgada adequada para aprovação na atividade acadêmica específica de Trabalho de Graduação II, que faz parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Apresentado à Banca Examinadora integrada pelos professores:

Dr. Antonio Carlos Vaz Lopez

Me. Rafael Martins Noriller

Dr. Rosemar José Hall

RESUMO

As Micro e Pequenas Empresas (MPEs) desempenham um papel preponderante na economia brasileira em termos de geração de emprego e participação no Produto Interno Bruto (PIB), porém há uma alta taxa de mortalidade destes empreendimentos. Um dos elementos mais importantes para sobrevivência das corporações como essas é a correta gestão do capital de giro. Como demonstrados em pesquisas realizadas pelo SEBRAE, sobre as causas de insolvência de micro e pequenas empresas. O presente estudo tem como objetivo identificar as práticas de gestão do capital de giro adotadas em empresas do comércio de produtos agropecuários de Dourados/MS. Para a verificação destas práticas, primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica dos elementos da gestão, posteriormente utilizou-se a abordagem qualitativa, com caráter exploratório, através de entrevistas estruturadas. Na análise, foram identificados os elementos utilizados pelas empresas na gestão do capital de giro, como controle de fluxo de caixa, gestão dos estoques, e o controle de contas a receber e a pagar, bem como a utilização das demonstrações financeiras na análise do desempenho das mesmas. O estudo conclui que as empresas utilizam as ferramentas básicas na gestão do capital de giro, contudo poderiam explorar com mais profundidade os instrumentos fornecidos pela contabilidade, como a análise das demonstrações financeiras. Deste modo poderiam aplicar os índices financeiros, possibilitando uma maior visão para tomada de decisões e melhorando a sua capacidade de operacional.

Palavras-chave: Capital de Giro, Micro e Pequenas Empresas, Gestão Financeira

ABSTRACT

Micro and Small Enterprises (MSEs) play a preponderant role in the Brazilian economy in terms of employment and participation in the Gross Domestic Product (GDP), but there is a high mortality rate of these companies. One of the most important elements for such corporations' survival is the proper working capital management. According to researches carried out by SEBRAE, one of the shortcomings that causes the insolvency of micro and small enterprises is the lack of the working capital management. The present study aims to identify the management practices adopted in companies of the agricultural trade of Dourados/MS. For these practices verification, a bibliographical research of the management elements was first carried out, later the qualitative approach was used, with exploratory character, through structured interviews. In the analysis, the elements used by companies in managing the working capital were identified, such as cash flow control, inventory management, and the control of receivable and payable accounts, as well as the use of financial statements in performance analysis of them. The study concludes that companies use the basic tools in working capital management, but could explore in more depth the tools provided by accounting, such as the analysis of financial statements. In this way, they could apply the financial indices, allowing a greater vision for making decisions and improving their operational capacity.

Keywords: Working Capital, Micro and Small Enterprises, Financial Management.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 OBJETIVOS	8
1.1.1 Objetivo geral	8
1.1.2 Objetivos específicos	8
1.2 JUSTIFICATIVA	8
2 REVISÃO DA LITERATURA	11
2.1 A CLASSIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS ..	11
2.2 IMPORTÂNCIA DA ADMINISTRAÇÃO DO CAPITAL DE GIRO	14
2.3 CAPITAL DE GIRO	15
2.4 DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS	17
2.5 INDICADORES DE LIQUIDEZ	18
2.6 ÍNDICES DE ATIVIDADE	19
2.6.1 Prazo Médio de Recebimento	19
2.7 ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO	21
2.8 ÍNDICES DE RENTABILIDADE	21
2.9 GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA	22
2.10 GESTÃO DE CONTAS A RECEBER	24
2.11 GESTÃO DE ESTOQUES	25
3 METODOLOGIA	27
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	27
3.2 DEFINIÇÃO DA UNIDADE DE ANÁLISE	28
3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	28
3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS	29
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1 PERFIL DAS EMPRESAS PESQUISADAS	30
4.2 CAPITAL DE GIRO	32
4.2.1 Análise dos controles financeiros utilizados na administração do capital de giro..	32
4.2.2 Avaliação das ações voltadas para gestão do capital de giro das empresas	35
4.2.3 Utilização das demonstrações financeiras na gestão do capital de giro	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

APÊNDICE A - TERMO DE COSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	44
APÊNDICE B – Questionário aplicado para analisar a gestão do capital de giro em empresas do comércio de produtos agropecuários na cidade de Dourados – MS.....	45

1. INTRODUÇÃO

A gestão do capital de giro, em empresas do comércio de produtos agropecuários, será o tema deste trabalho, que abordará a importância do controle de fluxo de caixa, valores a receber, valores a pagar e estoques, para uma adequada gestão e contribuição para sobrevivência das empresas.

O presente capítulo procura descrever o problema que será abordado no trabalho, seus objetivos e a justificativa da importância do tema.

As transformações no cenário econômico e mercado brasileiro, e novas legislações geraram oportunidades para o crescimento das Micro e Pequenas Empresas (MPEs) no país.

Segundo SEBRAE (2013), no Brasil existem 6,3 milhões de estabelecimentos, dos quais 99% são Micro e Pequenas Empresas, e representam 52% dos empregos formais no setor privado não agrícola.

Conforme dados divulgados pelo PORTAL BRASIL (2016), o setor que apresentou saldo positivo na geração de empregos, mesmo em meio a crise enfrentada pelo país, foi o setor agropecuário. De 1º de janeiro a 5 de julho de 2015, a participação das Micro e Pequenas Empresas (MPE) nas compras públicas ficou em R\$ 10,78 bilhões. Isso representa 37,2% do total de R\$ 28,9 bilhões gastos pelo governo federal. (PORTAL BRASIL, 2015)

Os pequenos negócios respondem por mais de um quarto do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Juntas, as cerca de 9 milhões de micro e pequenas empresas no País representam 27% do PIB, um resultado que vem crescendo nos últimos anos. (SEBRAE, 2014).

Segundo PORTAL BRASIL (2012) em 2010, cerca de 58% das empresas de pequeno porte fecharam as portas antes de completar cinco anos. Entre as causas da mortalidade dessas empresas está a falta de capital de giro.

Um dos componentes principais para se evitar a insolvência de uma empresa é o controle financeiro, exigindo um acompanhamento permanente do capital de giro.

Longenecker et al. (2007) destaca a importância da gestão do capital de giro e aponta como um dos itens menos entendido pelos proprietários e gerentes.

Nesse contexto, esse trabalho busca responder a seguinte questão de pesquisa: Quais as práticas de gestão do capital de giro utilizadas pelas empresas do comércio de produtos agropecuários na Cidade de Dourados-MS?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Este trabalho tem como objetivo identificar as práticas utilizadas na administração do capital de giro em empresas do comércio de produtos agropecuários da cidade de Dourados MS.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Apresentar os controles financeiros utilizados na administração do capital de giro das empresas estudadas.
- b) Avaliar as ações voltadas à gestão do capital de giro das empresas estudadas.
- c) Verificar a utilização das informações contábeis na gestão do capital de giro.

1.2 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento econômico vivenciado na última década possibilitou o crescimento de Micro e Pequenas Empresas no país, assim como os benefícios através de melhorias na legislação pertinentes ao setor. Tornando-as importantes colaboradoras da economia e sociedade, através da geração de emprego e contribuição para o PIB brasileiro. Segundo o SEBRAE (2016), a participação dos pequenos negócios na economia do país é de 98,5%, onde 50% são de Micro e Pequenas Empresas. Contribuindo assim, com 27% do PIB do Brasil e empregos formais com carteira de 52,1%.

Conforme SEBRAE (2004 apud Souza et al., 2012) a falta de gestão do capital de giro nas empresas é apontada como um dos principais fatores que as tornam incapaz de desenvolverem as suas atividades e levando-as a insolvência, considera-se importante a pesquisa na área, podendo identificar as práticas utilizadas pelas empresas para a gestão do capital de giro, e levando-as a buscar melhorias, através do conhecimento, das principais práticas de controle financeiro.

O Quadro 1 apresenta estudos anteriores sobre a importância da gestão do capital de giro nas micro e pequenas empresas.

Quadro 1 - Estudos sobre Gestão do capital de giro

Autores	Ano	Tipo de Trabalho	Título	Objetivo	Método	Características da amostra	Sector de negócio	Principal conclusão
BARDINI, C. Z.	2012	TCC	Gestão do Capital de Giro: Um estudo de caso nas empresas de beneficiamento de arroz do município de Turvo/SC	Analisar a gestão do capital de giro nas empresas de beneficiamento de arroz do município de Turvo/SC	Questionário	7 empresas	Indústria	As empresas que realizam a gestão do capital de giro de maneira informal e não realizam uma análise dos recursos necessários para compeltar o ciclo operacional
SOARES NETO, A. C.	2011	Dissertação	Fatores que influenciam na sobrevivência das Micro e Pequenas Empresas: a gestão eficaz da gestão do capital de giro	Confirmar a influência da gestão eficaz do capital de giro como fator contribuinte para a sobrevivência e longevidade das MPEs sob estudo	Pesquisa documental e entrevista	5 empresas	Indústria	Constatou-se que a gestão eficaz do capital de giro antecipa-se às demais ações complementares que o empresário necessita para manter em atividade
SOUZA, R. A. SOUZA, A. A.	2011	Artigo	Gestão do Capital de Giro em Micro e Pequenas Empresas : estudo de casos em empresas de do comércio varejista de Passos/MG	Como se dá o processo de gestão do capital de giro em empresas de do comércio varejista de Passos/MG	Entrevista	15 empresas	Comércio	As organização não utilizam as informações contábeis de forma gerencial, e não há a utilização de técnicas de Controle de Fluxo de Caixa e Estoque

A oportunidade do trabalho se justifica através da possibilidade de crescimento e desenvolvimento de conhecimento para o pesquisador e também para o público em geral, principalmente o público empreendedor.

E por fim, sua viabilidade, por ter a disposição informações necessárias, apoio institucional e orientação para a realização da pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A CLASSIFICAÇÃO E IMPORTÂNCIA DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

A Secretaria de Micro e Pequena Empresa da Presidência da República (2014) esclarece que, a definição para Microempresa e Empresas de Pequeno Porte é diversificada, o que permite uma gama de possibilidades para aplicação de normas benéficas ao segmento. Havendo, portanto, conceitos que podem ser utilizados para classificar cada categoria, mas não podendo ser considerados de forma absoluta.

E para melhor compreender a distinção entre Microempresa e Empresa de Pequeno Porte (MPEs), na legislação brasileira, a Lei Complementar 123 de Dezembro de 2006, destaca as MPEs como sendo: a) sociedade empresária, que é formada por um ou mais sócios com a finalidade comercial; b) sociedade simples, formada por profissionais liberais e prestadores de serviços, e; c) a empresa individual de responsabilidade limitada. Todas devidamente cadastradas junto aos órgãos competentes.

A Lei Complementar 123, de 14 de Dezembro de 2006, em seu capítulo II, art. 3, itens I e II, usa como base o faturamento das empresas para sua definição:

I - no caso da microempresa, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais); e

II - no caso da empresa de pequeno porte, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e igual ou inferior a R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais).

E acrescentando, conforme a classificação utilizada pela ANVISA, além da Lei Complementar 123, de 14 de Dezembro de 2006, também utiliza a Medida Provisória nº 2.190-34/2001, complementando esta classificação no que se refere às empresas conforme o faturamento:

a) Grupo IV – Empresa de Médio Porte: Igual ou inferior a R\$ 6.000.000,00 (seis milhões de reais);

b) Grupo III – Empresa de Médio Porte: Igual ou inferior a R\$ 20.000.000,00 (vinte milhões de reais) e superior a R\$ 6.000.000,00 (seis milhões de reais);

c) Grupo II – Empresa de Grande Porte: Igual ou inferior a R\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de reais) e superior a R\$ 20.000.000,00 (vinte milhões de reais) e

d) Grupo I – Empresa de Grande Porte: Superior a R\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de reais).

E conforme SEBRAE (2013), outra classificação utilizada é quanto ao número de empregados, conforme o Quadro 2.

QUADRO 2 - DEFINIÇÃO DE PORTE DAS EMPRESAS SEGUNDO O NÚMERO DE EMPREGADOS

Porte da Empresa	Comércio e Serviços	Indústrias
Microempresa (ME)	até 9 empregados	até 19 empregados
Empresa de Pequeno Porte (EPP)	de 10 a 49 empregados	de 20 a 99 empregados
Empresa de Médio Porte	de 50 a 99 empregados	de 100 a 499 empregados
Grande Empresa	100 ou mais empregados	500 ou mais empregados

Fonte: SEBRAE-NA/ Dieese, 2013.

O crescimento das MPEs tem sido constante nos últimos anos. O Quadro 3 mostra que, segundo o SEBRAE (2016), a participação dos pequenos negócios na economia do país é de 98,5%, onde 50% são de Micro e Pequenas Empresas. Contribuindo assim, com 27% do PIB do Brasil e empregos formais com carteira de 52,1%.

QUADRO 3 – PARTICIPAÇÃO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS NA ECONOMIA

PARTICIPAÇÃO DOS PEQUENOS NEGÓCIOS NO (A):	ANO	PARTICIPAÇÃO %	FONTE
PIB Brasileiro	2011	27	SEBRAE/FGV
Número de empresas exportadoras	2014	59,4	FUNCEX
Valor das exportações	2014	0,82	FUNCEX
Massa de salários das empresas	2013	41,4	RAIS
Total de empregos com carteira	2013	52,1	RAIS
Total de empresas privadas	2015	98,5	SEBRAE
OUTROS DADOS SOBRE OS PEQUENOS NEGÓCIOS	ANO	TOTAL	FONTE
Quantidades de produtos rurais	2015	4,7 milhões	PNAD CONTÍNUA
Potenciais empresários com negócio	2015	11,6 milhões	PNAD CONTÍNUA
Empregados com carteira assinada	2013	17,0 milhões	RAIS
Remuneração média real nas MPE	2013	R\$ 1.485,00	RAIS
Massa de salários real de empregados nas MPE	2013	R\$ 24,4 bilhões	RAIS
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	FUNCEX
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2014	US\$ 2 bilhões	FUNCEX
Valor médio exportado (US\$ bi FOB)	2014	US\$ 179,4 mil	FUNCEX

Fonte: SEBRAE, 2016.

A Figura 1 mostra que 5 milhões das empresas optantes pelo Simples Nacional são MPEs. Destacando assim, a sua importância no quadro econômico brasileiro.

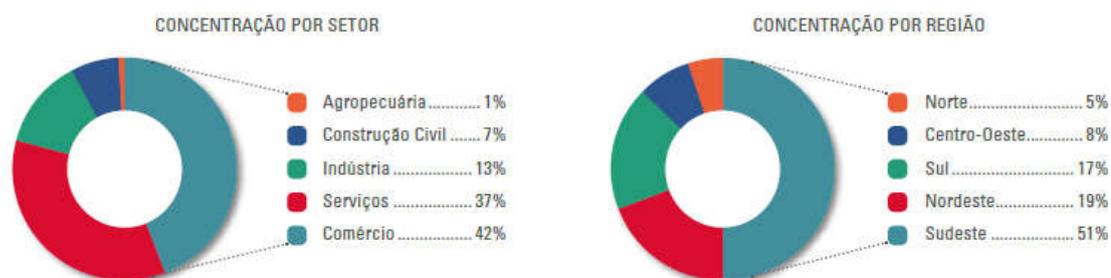


Fonte: SEBRAE, 2016.

De acordo com Santos (2001 apud Ferreira et. al., 2011) as micro e pequenas empresas tem sua importância destacada pelo fato da sua capacidade de propor uma estabilidade na sociedade, devido a geração de emprego e renda, criando um giro constante na economia.

A Figura 2 mostra a concentração das MPEs por setor e região. Onde a região sudeste se destaca com maior volume de empresas.

Figura 2 – Concentração das MPEs por Setor e Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal – Maio/2016.

Fonte: SEBRAE, 2016.

O setor de comércio se destaca com 42% do total das MPEs no país, seguido do setor de prestação de serviços, com 37%. Juntas somam quase 80% das empresas, apontando a sua relevância na economia, e alertando para uma maior atenção à gestão das MPEs.

Conforme Souza et al. (2012) a falta de planejamento, recursos limitados e dificuldade de financiamento são apontados como as principais causas da alta taxa de mortalidade de micro e pequenas empresas.

Santos (2010) destaca que a administração financeira tem se tornado de crescente importância para o crescimento de micro e pequenas empresas. O capital de giro é o principal objeto dessa administração, pois representa a valor investido na empresa, que se move de forma contínua, na condução normal das operações da empresa, para Gitman (2010).

2.2 IMPORTÂNCIA DA ADMINISTRAÇÃO DO CAPITAL DE GIRO

Assaf Neto e Silva (2012) consideram que, a administração do capital de giro é imprescindível para o sucesso de uma empresa, sendo assim se o capital de giro for controlado de forma inadequada pode levar a empresa à insolvência, pois o setor financeiro é o suporte para o desenvolvimento e crescimento da empresa.

[...] Um fato importante é que o capital de giro precisa de acompanhamento permanente, pois está continuamente sofrendo o impacto das diversas mudanças enfrentadas pela empresa, mudanças que podem ser internas ou externas. (FERREIRA et al., 2011, p. 19)

A importância da administração do capital de giro é destacada em (VIEIRA, 2008 apud SOUZA e SOUZA, 2011):

“a administração do capital de giro tem como objetivo principal a manutenção do equilíbrio financeiro da empresa como forma de garantir a continuidade da atividade operacional e propiciar condições adequadas que favoreçam a sua sobrevivência e crescimento”.

Segundo Braga et al. (2004 apud Santos, Ferreira e Faria, 2009), a ausência de recursos financeiros é indicada como uma das principais dificuldades enfrentadas pelas MPEs, causando assim, uma limitação aos investimentos que essas empresas precisam para se desenvolver e evitar a sua insolvência.

E ainda, conforme Monteiro (2003 apud Santos, Ferreira e Faria, 2009) justifica a limitação enfrentada pelas MPEs, em relação a sua capacidade e recursos disponíveis, está ligada diretamente ao seu capital de giro, sendo que este possui fluxo de caixa com pouca disponibilidade e também a questão da formação de seus dirigentes, os quais não possuem as habilidades necessárias para tal gestão.

Para Ferreira et al. (2011), para que uma empresa possa manter o setor financeiro em equilíbrio, é importante gerir com eficácia os elementos do capital de giro, para que acrescente valor e mantenha um grau satisfatório do ativo circulante. É essencial que haja compatibilidade entre a liquidez dos ativos circulantes e os desembolsos exigidos pelo passivo.

Logo, entende-se a importância da eficácia na gestão do capital de giro e de seus componentes, pra que uma empresa mantenha-se capaz de cumprir com seu ciclo operacional e ainda com possibilidade de maiores investimentos, garantindo sua segurança de sobrevivência.

2.3 CAPITAL DE GIRO

Assaf Neto e Silva (2012) discorrem que, o capital de giro ou capital circulante é representado pelas aplicações correntes de uma empresa, e que são capazes de se converterem

em caixa em curto prazo, em geral identificados pelas disponibilidades, demonstradas pelos valores a receber e estoques.

Segundo Gitman (2010 apud Soares Neto, 2011) o capital de giro é o valor circulante investido em uma empresa para a realização de suas atividades operacionais, ou seja, os valores movimentados em caixa, aquisição de matéria-prima ou mercadorias, produtos em estoque e valores a receber. Assim sendo, o capital de giro representa o ciclo operacional da empresa, que é a movimentação dos valores que saem do caixa para o estoque, deste para as contas a receber, concluindo com seu retorno ao caixa.

De acordo com Silva (2009 apud Souza e Souza, 2011), capital de giro refere-se aos recursos financeiros aplicados pela empresa no cumprimento do ciclo operacional, recursos estes que serão recuperados financeiramente ao final do mesmo ciclo.

Definindo que “os ativos circulantes, comumente chamados de capital de giro ou capital circulante, representam a porção de investimento que circula de uma forma para outra na condução normal dos negócios.” (GITMAN, 2001, p. 459 apud SILVA, 2012, p. 11)

E ainda, “o capital de giro está ligado diretamente aos ativos circulantes de maior liquidez, como disponibilidade, contas a receber e estoques, que são lastreados por um volume de vendas em uma empresa.” (FERREIRA et al., 2011, p. 19)

Santos, Ferreira, Faria (2009) explicam, no ativo estão localizados as aplicações de recursos e as suas fontes estão registradas no passivo, portanto, no ativo circulante, também conhecido como capital de giro ou capital circulante estão as aplicações de curto prazo, que envolve as ações relacionadas a administração de seus ativo e passivo circulante.

Conforme Santos (2010) a mensuração da Necessidade de Capital de Giro é um dos maiores desafios enfrentados pelos gestores, que requer um grau de conhecimento em relação ao processo operacional da empresa.

Silva (2012) considera a necessidade do capital de giro, como sendo uma via de mão dupla, pois o capital da empresa sofre modificações, causando aumento ou diminuição, através de elementos ocorridos no período.

Essas modificações definem o capital de giro como sendo fixo (ou permanente) e variável (ou sazonal). Segundo Assaf Neto e Silva (2012), o capital de giro permanente refere-se ao valor mínimo de ativo circulante que a empresa necessita para manter suas

operações. Já o capital de giro variável, é definido pelas necessidades adicionais e temporais, como, por exemplo, compras antecipadas de estoque e a demora em receber valores de clientes.

Conforme Assaf Neto e Silva (2012) O Capital de Giro Líquido ou Capital Circulante Líquido (CCL) é encontrado pela diferença entre o Ativo Circulante e o Passivo Circulante. Obtendo-se a seguinte fórmula:

$$CCL = \textit{Ativo Circulante} - \textit{Passivo Circulante}$$

Segundo Santos (2010) quando o CCL está com resultado positivo, “corresponde ao volume de fundos de longo prazo aplicados no financiamento de estoques e contas a receber.” E com resultado negativo, ou seja, o passivo circulante está maior que o ativo circulante, indica “que a empresa está financiando seus ativos permanentes com recursos de curto prazo”, apontando uma situação de risco.

2.4 DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

As informações contidas nas demonstrações financeiras são de grande relevância para a análise do desempenho da empresa.

Conforme Iudícibus (2010), os relatórios contábeis representam a exposição resumida e ordenada dos fatos ocorridos e registrados pela contabilidade, em determinado período. Entre os relatórios contábeis, as demonstrações financeiras são as mais importantes. São elas: Balanço Patrimonial (BP), Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) e a Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC).

O Balanço Patrimonial, segundo Morante (2009), é a representação do conjunto dos bens, direitos, obrigações e valor patrimonial de uma empresa em determinada data, que permite identificar as aplicações de recursos disponibilizadas no Ativo da empresa, como também as origens dessas aplicações, que são a representatividade do Passivo da empresa.

A Demonstração do Resultado do Exercício tem por objetivo evidenciar de forma resumida as operações da empresa no exercício, trazendo as receitas, deduzidas dos tributos referentes a elas, os custos e as despesas (operacionais, ou não), obtendo um resultado líquido. (MORANTE, 2009)

Conforme Matarazzo (2010) a Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC), mostra as fontes e aplicações verificadas durante o exercício e que resultam na variação do saldo de caixa. E visa permitir a análise do aspecto financeiro da empresa.

Para Gitman (2010), a DFC permite distinguir os fluxos de caixa das operações de investimentos e de financiamentos da empresa, e os concilia com as variações do caixa e títulos negociáveis durante o período.

Conforme esclarecido por Gitman (2010), a análise dessas informações é realizada através do uso de índices. Estes índices são classificados como: de liquidez, atividade, endividamento e rentabilidade.

2.5 INDICADORES DE LIQUIDEZ

Conforme Bardini (2012), os indicadores financeiros são índices utilizados para demonstrar a capacidade da empresa de cumprir com suas obrigações, e de ser lucrativa. Segundo Hoji (2004 apud Kalsing, 2015), a utilização dos indicadores consiste em relacionar contas e grupo de contas para extração de conclusões referentes a tendências e a situação econômica-financeira da empresa. O resultado destes índices, para efeito de análise financeira, serão considerados, quanto maior, melhor para a empresa, segundo Morante (2009).

Os indicadores de liquidez, segundo Ross et al. (2015), são destinados a destinados a fornecer informações sobre a liquidez de uma empresa, e representam a capacidade que a empresa tem de pagar as sua obrigações a curto prazo. Estes índices são: Liquidez Corrente, Liquidez Seca e Liquidez Geral.

Em relação ao índice de liquidez corrente, segundo Santos (2010), este índice indica a capacidade da empresa de liquidar seus compromissos financeiros a curto prazo. E utiliza-se a seguinte fórmula:

$$\text{Liquidez Corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Para Morante (2009), o índice de liquidez seca indica representa quanto a empresa tem em seu ativo circulante, sem os estoques, para a quitação do seu passivo circulante.

Segundo Brigham e Ehrhardt (2010) o índice de liquidez seco é calculado deduzindo os estoques dos ativos circulantes e depois, dividindo o restante pelo passivo circulante, através da seguinte fórmula:

$$\text{Índice de Liquidez seca} = \frac{\text{Ativos Circulantes} - \text{Estoques}}{\text{Passivos Circulantes}}$$

Silva (2001 apud Bardini,2012), esclarece a liquidez geral indica quanto a empresa tem do ativo circulante e realizável em longo prazo para cada real de dívida total. Utilizando a seguinte fórmula:

$$\text{Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a Longo Prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo Prazo}}$$

2.6 ÍNDICES DE ATIVIDADE

Os índices denominados prazos médios, indicam o desempenho da atividade operacional da empresa, e possibilitam um melhor controle e gerenciamento do capital de giro, de acordo com Morante (2009).

2.6.1 Prazo Médio de Recebimento

Segundo Brigham e Ehrhardt (2010), prazo médio de recebimento é utilizado para avaliar as contas a receber, representando o período médio que empresa tem, após a venda, para receber de seus clientes.

Conforme explicado por Santos (2007 apud Bardini,2012), este indicador demonstra o tempo que a empresa espera para receber dos clientes. E Morante (2009) explica que quanto menor o seu resultado, melhor é, para que não ocorra falta de recursos.

A fórmula indicada por Brigham e Ehrhardt (2010), para o Prazo Médio de Recebimento (PMR) é a seguinte:

$$\text{Período Médio de Recebimento} = \frac{\text{Contas a receber}}{\text{Vendas médias diárias}} = \frac{\text{Contas a receber}}{\text{Vendas anuais}/360}$$

2.6.2 Prazo Médio de Pagamento

Este indicador demonstra o tempo que a empresa ocupa em média, para cumprir com suas obrigações diante de seus fornecedores, como explica Gitman (2010).

Morante (2009) indica a fórmula para Prazo Médio de Pagamento (PMP):

$$\text{Prazo Médio de Pagamento} = 360 \text{ dias} \times \frac{\text{Fornecedores}}{\text{Compras}}$$

2.6.3 Prazo Médio de Estocagem

Este índice demonstra a liquidez do estoque, ou seja, o prazo médio de estocagem, entre a compra da mercadoria até a sua venda, como explica Morante (2009).

Morante (2009) indica a fórmula para Prazo Médio de Estocagem (PME):

$$\text{Prazo Médio de Estocagem} = 360 \text{ dias} \times \frac{\text{Estoques}}{\text{Custo de vendas}}$$

Para uma maior eficácia na gestão do capital de giro, é fundamental o conhecimento dos ciclos existentes no processo da atividade da empresa, que são: ciclo econômico, ciclo financeiro e ciclo operacional.

O Ciclo Operacional é composto por todas as fases que compõem a atividade da empresa, é soma dos processos de compra-produção-venda-recebimento. Segundo Assaf Neto e Silva (2012), o Ciclo Operacional varia conforme a função do setor de atividade e das características de atuação da empresa, mostrando a seguinte fórmula:

$$\text{Ciclo Operacional} = \text{PME (MP)} + \text{PMF} + \text{PMV} + \text{PMR}$$

[...] a empresa com ciclo operacional longo tem maior necessidade de capital de giro e habitualmente precisa de maior rentabilidade sobre as vendas para compensar o elevado custo de financiamento do capital de giro. (SANTOS, 2010, p.17)

Assaf Neto e Silva (2012) explicam que, o Ciclo Econômico é representado pelas ações de natureza econômica, desde as compras de matérias primas até a venda dos produtos, não leva em consideração os prazos de recebimentos e de pagamentos. Assaf Neto e Silva (2012) indica a seguinte fórmula:

$$\text{Ciclo Econômico} = \text{Ciclo Operacional} - \text{PMC (PMR)}$$

Conforme Assaf Neto e Silva (2012), o Ciclo Financeiro relaciona-se as movimentações do caixa, que abrange o desembolso inicial do caixa, para pagamento dos fornecedores de materiais, e os recebimentos das vendas realizadas. Com a seguinte fórmula:

$$\text{Ciclo Financeiro} = \text{Ciclo Operacional} - \text{PMF} - \text{PMDD}$$

Desse modo, pode-se compreender que o capital de giro está ligado de forma direta com toda ação, que envolve o processo da atividade operacional da empresa, que está relacionada à movimentação que inclui, desde a compra de matéria-prima e/ou mercadorias até o recebimento das vendas, como também o pagamento de fornecedores.

2.7 ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO

O índice de endividamento indica o volume de dinheiro de terceiros utilizado nas operações da empresa, ou seja, o nível de participação de terceiros na empresa. Para Bardini (2012) estes índices de endividamento geral são: composição de endividamento, participação de capital de terceiros, representadas pelas fórmulas a seguir:

$$\text{Composição do Endividamento} = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo}}{\text{Prazo}}} \times 100$$

$$\text{Participação de Cap. De Terc.} = \frac{\frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Exigível a Longo}}{\text{Prazo}}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$$

2.8 ÍNDICES DE RENTABILIDADE

Os indicadores de rentabilidade medem a capacidade de lucratividade da empresa. Bardini (2012) indica os indicadores econômicos de rentabilidade como sendo: margem bruta, margem operacional e líquida.

A margem bruta demonstra o nível de custos, Gitman (2004 apud Bardini, 2012) apresenta a seguinte fórmula:

$$\text{Margem Bruta} = \frac{\text{Lucro Bruto}}{\text{Venda Líquida}} \times 100$$

A Margem operacional, mostra em forma de porcentagem o desempenho da receita. Iudícibus (2008 apud Bardini, 2012) indica a fórmula:

$$\text{Margem Operacional} = \frac{\text{Lucro Operacional}}{\text{Venda Líquida}} \times 100$$

A margem líquida evidencia o desempenho da atividade empresarial, representando o quanto restou das vendas após deduzidos os custos, despesas, impostos e dividendos, conforme Gitman (2004 apud Bardini, 2012). Com a seguinte fórmula:

$$\text{Margem Líquida} = \frac{\text{Lucro Líquido do Exercício}}{\text{Venda Líquida}} \times 100$$

Conforme Santos (2010 apud Bardini, 2012), a rentabilidade do ativo indica a porcentagem do lucro líquido de acordo com o ativo total, este índice mostra a eficácia com que é utilizado o ativo total. E quanto maior o índice, melhor a eficiência.

“A rentabilidade do ativo tem o objetivo de indica a lucratividade em relação às aplicações que destinou ao ativo total, ou seja, sobre recursos próprios e de terceiros, ou qual o percentual que essa relação representa.” (MORANTE, 2009, p. 44)

Para Ross et al, (2015) o retorno sobre o ativo, é uma medida do lucro por real em ativos. Sendo definido através da seguinte fórmula:

$$\text{Retorno do Ativo} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}}$$

E no que diz respeito a rentabilidade do Patrimônio Líquido, Morante (2009) explica que este índice mostra a lucratividade em relação aos capitais próprios, e quanto maior melhor. E Santos (2010 apud Bardini, 2012) esclarece que quando este índice é maior que o índice de rentabilidade do ativo, mostra que a aplicação de capital de terceiros foi proveitosa para a empresa.

Segundo Ross et al. (2015), o retorno sobre o patrimônio líquido é uma medida de como foi o ano para os acionistas, demonstrando o desempenho do lucro. Sendo medido pela seguinte fórmula:

$$\text{Retorno sobre o patrimônio líquido} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}}$$

2.9 GESTÃO DO FLUXO DE CAIXA

Como o Capital de giro é ligado diretamente aos recursos correntes, capazes de serem convertidos em caixa dentro do ciclo operacional da empresa, ou seja, caixa, contas a receber e a pagar e os estoques, é necessário ter maior compreensão de tais contas.

Para Assaf Neto e Silva (2012) o fluxo de caixa é um controle que possibilita o planejamento e administração dos recursos financeiros de uma empresa, sendo indispensável, de forma gerencial, nas tomadas de decisões financeiras.

Com isso é importante destacar que:

“Uma correta administração do fluxo de caixa gera benefício, e pode gerar uma menor necessidade de financiamento em giro, melhorar negociações com fornecedores ao alongar prazos e receber descontos, melhorar as decisões de nível de estoques e municiar a construção da política da concessão de crédito ou concessão de descontos para reduzir prazos de recebimentos.” (SPADER, 2011, p. 21)

Segundo Assaf Neto e Silva (2012) o fluxo de caixa é uma ferramenta que demonstra todas as entradas e saídas de recursos monetários da empresa dentro de determinado ciclo. Dando assim a capacidade para empresa, através do capital de giro, de enfrentar possíveis dificuldades que possam ocorrer.

Santos (2010) traz a definição que “o fluxo de caixa é um instrumento de planejamento financeiro que tem por objetivo fornecer estimativas da situação de caixa da empresa”, essas informações são fundamentais para o gerenciamento financeiro de curto prazo, ele traduz em valores e datas as ocorrências obtidas na empresa.

Conforme Santos (2010) além do fluxo de caixa informar a capacidade da empresa tem de liquidar seus compromissos financeiros, também tem outras finalidades: a) planejar a contratação de empréstimos e financiamentos; b) maximizar o rendimento das aplicações das sobras de caixa; c) avaliar o impacto financeiro de variações de custos; e d) avaliar o impacto financeiro de aumento de vendas.

Com o acompanhamento correto do saldo de caixa, fornecendo uma liquidez imediata à empresa, propicia uma folga financeira, mas como destaca Assaf Neto e Silva (2012) “a administração não deve manter suas reservas de caixa em níveis elevados em forma de maximizar a liquidez,” para evitar custos de oportunidades crescentes. Também destaca que para melhor desempenho do fluxo de caixa, deve haver um comprometimento de todos os setores da empresa.

“O fluxo de caixa é um processo pelo qual uma empresa gera e aplica seus recursos de caixa determinados pelas várias atividades desenvolvidas. Assim o fluxo de caixa focaliza a empresa como um todo, tratando das diversas entradas e saídas de caixa.” (ASSAF NETO e SILVA, 2012, p. 36)

Desse modo, constata-se a importância do acompanhamento do fluxo de caixa, ferramenta pela qual, pode-se fazer todo um controle de entrada e saídas da empresa, conforme a necessidade da mesma. Através do fluxo de caixa analisa-se a saúde financeira da empresa, como também auxilia nas tomadas de decisões para novos investimentos.

2.10 GESTÃO DE CONTAS A RECEBER

Em se tratando de Valores a Receber, Assaf Neto e Silva (2012) definem crédito de forma clara, onde “o crédito diz respeito à troca de bens presentes por bens futuros. De um lado a empresa que concede o crédito troca produtos por uma promessa de pagamento. E de outro lado, a empresa que obtém o crédito com o compromisso de efetuar o pagamento”.

Santos (2010) mostra que a política de crédito é de fundamental importância na lucratividade de uma empresa. Pois afeta de forma direta o capital de giro, o caixa da empresa e sua rentabilidade. Destacando que a empresa não deve possuir uma política de crédito liberal, mas, pelo contrário, obtenha uma política parametrizada com elementos a seguir:

- Prazo de recebimento: prazo concedido aos clientes para fazer seus pagamentos;
- Critérios de aprovação de crédito: avaliação de crédito e análise do cadastro do cliente;
- Limite de crédito: estabelecer um limite de venda
- Condições financeiras do crédito: descontos para pagamentos antecipados e juros para pagamentos em atraso;
- Tratamento dispensado aos clientes inadimplentes: métodos de cobrança e critérios para protesto de duplicatas vencidas.

Conforme Maness e Zietlow (1993, p. 85 apud Assaf Neto e Silva, 2012, p.129) “a determinação dos elementos de uma política de crédito deve levar em consideração fatores

como competição, ciclo operacional, tipo de produto, sazonalidade, obsolescência, aceitação do cliente, preço, tipo de cliente e lucratividade”.

Segundo Assaf Neto e Silva (2012), “os elementos que compõem uma política de crédito são quatro: padrão, prazo, desconto e cobrança”. Os padrões de créditos são as condições básicas e necessárias para que seja concedido o crédito ao cliente. O desconto consiste na redução do valor de venda para um pagamento a vista ou com prazo menor que o habitual. O prazo de crédito é uma importante estratégia de mercado, mas a sua concessão deve ser analisada conforme o setor, as taxas de juros, probabilidade de pagamento e o perfil do cliente. O desconto fornecido serve para adiantar o fluxo de caixa, diminuindo assim, a necessidade de financiamento e também traz um aumento dos recursos disponíveis. E incentiva vendas a vista ou pagamentos mais rápidos. A política de cobrança abrange a estratégia da empresa para o recebimento de crédito.

As práticas das políticas de gerenciamento de crédito afetam o ciclo de vida dos recebimentos e do fluxo de caixa. É importante para que as pequenas empresas, ao estabelecer as políticas de crédito, considerem aspectos de fluxo de caixa da mesma maneira que analisam o estímulo às vendas. (LONGENECKER et al., 2007, p. 406)

Para que uma empresa tenha eficácia na gestão de suas contas a receber, é preciso uma boa análise e planejamento na incorporação de uma política de crédito, a política adotada deve trazer equilíbrio entre sua necessidade de vendas e seu volume de recebimentos. Conforme Paulo e Moreira (2003) mesmo que haja sincronia entre os recebimentos e pagamentos, não pode ser realizado de forma perfeita, exigindo assim que a empresa mantenha um caixa mínimo para que a empresa possa honrar com suas obrigações.

2.11 GESTÃO DE ESTOQUES

Uma das características mais comuns na tomada de decisões de uma empresa é o investimento em estoques. Uma avaliação para determinar a quantidade de estoque é indispensável, por exemplo, a necessidade aumentar ou diminuir as compras.

Assaf Neto, Silva (2009 apud Souza e Souza, 2011) abordam que, o investimento em estoques é um dos elementos mais importantes para uma adequada gestão financeira, sua importância justifica-se tanto pela relevante participação no ativo circulante, como também no ciclo operacional.

Alguns setores empresariais exigem uma maior atenção em relação ao gerenciamento dos estoques, Longenecker et al. (2007), destaca, por exemplo, empresas do setor de revenda e atacadista, principalmente do ramo alimentício, estão continuamente enfrentando problemas de estocagem, o contrário de uma empresa prestadoras de serviço, que normalmente tem seu estoque composto somente de materiais de escritório.

Segundo Brigham et al, (2001 apud Souza e Souza, 2011) o volume de estoque a ser mantido pela empresa atinge diretamente sua lucratividade, mas para obter-se este cálculo há algumas dificuldades, por exemplo, pelo fato de estar ligado ao volume de vendas da empresa, e este estoque deve ser adquirido antes das mesmas. O erro neste cálculo pode implicar tanto na perda de vendas, quanto, no aumento dos custos de manutenção desses estoques.

Conforme Ross, Westerfield e Jordan (2002 apud Spader, 2011), na gestão dos estoques é importante dar atenção as despesas diretas e aos custos para manter os estoques, como também aos custos de falta do mesmo, decorrente da insuficiência de estoque.

Desse modo, os estoques precisam ter a mesma atenção que é devida ao fluxo de caixa e aos valores a receber, pela influência na eficácia do processo operacional da empresa.

Existem técnicas que possibilitam uma gestão do estoque, conforme Braga (1995 apud Bardini, 2012) as que se destacam são: Lote econômico de compra, estoque de segurança, sistema ABC, entre outras.

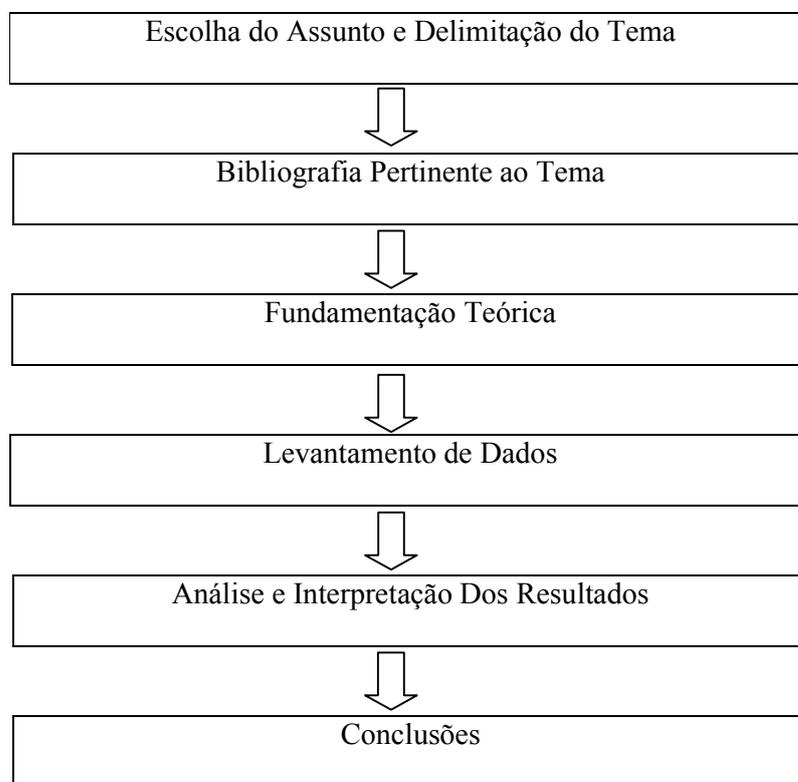
3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O presente capítulo procura descrever a metodologia aplicada neste trabalho, tendo em vista responder a questão da pesquisa e os objetivos propostos em relação à gestão do capital de giro em micro e pequenas empresas, destacando que a falta do mesmo, segundo o Portal Brasil (2012), tem sido um dos fatores apontados para a insolvência de MPEs.

Para melhor entendimento dos procedimentos adotados, observa-se na Figura 1- Esquema metodológico, o seguinte:

Figura 3 - Esquema metodológico



Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Este trabalho primeiramente classifica-se como uma pesquisa bibliográfica, que conforme Gil (2010) “toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica”, pois tem o propósito de buscar como base, conhecimentos já publicados em livros, revistas, teses, dissertações e demais meios.

A pesquisa também pode ser caracterizada como qualitativa. Segundo CRESWELL (2007), na pesquisa qualitativa o investigador fundamenta-se no conhecimento, fazendo análise com perspectivas reivindicatórias/participatórias para colaboração e orientações para mudanças. Assim realizada através da pesquisa bibliográfica e da aplicação de questionário.

Quanto aos objetivos pode-se classificar como uma pesquisa de caráter exploratório, pois segundo Sampieri, Collado e Lucio (2013) auxilia o pesquisador a estar se familiarizando com os fenômenos estudados que anteriormente considerados pouco conhecidos.

Gil (2010) define as pesquisas exploratórias como sendo aquelas que proporcionam maior familiaridade com o problema, tendo em vista esclarecê-los, tornando-os mais explícitos e possibilitando a construção de hipóteses.

Na afirmação de Sampieri, Collado e Lucio (2013), os estudos descritivos são aqueles que buscam especificar propriedades, características e traços importantes de qualquer fenômeno que analisamos.

Esta pesquisa foi baseada no levantamento de dados, pois houve interrogação direta dos indivíduos, cujo comportamento, é a base para a análise a ser realizada. Para Gil (2010), esse tipo de pesquisa caracteriza-se basicamente pela solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado, em seguida, mediante análise quantitativa, obtêm-se as conclusões correspondentes aos dados coletados.

A pesquisa configura-se a um estudo de multicaso, onde cinco empresas fizeram parte da pesquisa, que conforme Yin (2005 apud Souza e Souza, 2011), o estudo de caso é utilizado para investigar fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real. O estudo de caso, segundo Severino (2007), é semelhante a pesquisa de campo, onde a coleta de dados é feita nas condições gerais em que os fenômenos ocorrem.

3.2 DEFINIÇÃO DA UNIDADE DE ANÁLISE

Para a realização deste estudo foram contatadas dez empresas do comércio de produtos agropecuários, cujas matrizes estão estabelecidas na cidade de Dourados - MS, onde cinco empresas aceitaram participar da pesquisa.

3.3 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A técnica abordada na pesquisa foi através de entrevista estruturada, que segundo Marconi e Lakatos (2010), “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto”.

Na entrevista foi aplicado um questionário com perguntas anteriormente estruturadas, relacionadas ao tema de gestão de capital de giro dentro das empresas analisadas.

Foram realizadas entrevistas testes, com um professor universitário da área de finanças e alunos do curso de ciências contábeis, para avaliar a capacidade da entrevista de coletar os dados necessários para alcançar os objetivos do trabalho, sendo realizadas algumas alterações para uma melhor coleta de dados.

A pesquisa foi desenvolvida em cinco empresas, matrizes, do comércio de produtos agropecuários na cidade Dourados – MS. Considera-se importante destacar que foram contatadas 10 empresas, no período de 27/02/ 2017 a 10/03/2017 das quais, cinco não aceitaram participar da pesquisa, ou por motivos particulares, ou por serem filiais e não terem acesso às informações solicitadas na pesquisa. As empresas foram contatadas através de visita pessoal, onde três atenderam de imediato, já sendo realizadas as entrevistas. Para as outras duas empresas estudadas foram marcado outro horário para a realização das entrevistas.

3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

Para a análise de dados, foi empregada a análise de conteúdo, que conforme Severino (2007), consiste no tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de diferentes linguagens: escritos, orais, imagens e gestos. A análise de conteúdo visa captar a essência da fala dos sujeitos pesquisados, Bardin (1977 apud Souza e Souza, 2011). E segundo Bardin (2004 apud Souza e Souza, 2011), compreende em investigar o conteúdo de mensagens de comunicações linguísticas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os dados e informações coletadas através de entrevistas realizadas com cinco empresas do comércio de produtos agropecuários na cidade de Dourados – MS, os resultados serão apresentados em forma de quadros, trazendo informações de como é realizada a gestão do capital de giro nessas empresas.

4.1 PERFIL DAS EMPRESAS PESQUISADAS

A pesquisa foi desenvolvida em cinco empresas, matrizes, do comércio de produtos agropecuários na cidade de Dourados – MS. Considera-se importante destacar que foram contatadas 10 empresas, no período de 27/02/2017 a 10/03/2017 das quais, cinco não aceitaram participar da pesquisa, ou por motivos particulares, ou por serem filiais e não terem acesso as informações solicitadas na pesquisa. O Quadro 4 apresenta a identificação dos entrevistados.

QUADRO 4 - IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

ENTREVISTADO	CARGO/FUNÇÃO	TEMPO NA FUNÇÃO	FORMAÇÃO	SEXO
Empresa 1	Diretor Comercial	30 anos	Ensino Superior	M
Empresa 2	Sócio/Proprietário	22 anos	Ensino Médio	M
Empresa 3	Analista Administrativo	1 ano	Pós-graduação	M
Empresa 4	Administrador	15 anos	Pós-graduação	M
Empresa 5	Financeiro	28 anos	Ensino Médio	M

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Com relação aos entrevistados, observa-se que quatro dos cinco entrevistados estão nas suas funções entre 15 e 30 anos, somente um entrevistado está na sua função apenas um ano. Todos os entrevistados são do sexo masculino, sendo que dois que possuem pós-graduação são formados em administração, e um com ensino superior que é formado em contabilidade, e dois cursaram o ensino médio e que estão entre os três com maior tempo na função. O Quadro 5 apresenta as informações gerais das empresas envolvidas na pesquisa.

QUADRO 5 - INFORMAÇÕES GERAIS DAS EMPRESAS

EMPRESA	TEMPO DE ATUAÇÃO	TIPO DE PRODUTOS	NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS	PORTE DA EMPRESA
EMPRESA 1	30 anos	Agrícola, pecuária, veterinário e outros	23	Médio Porte
EMPRESA 2	22 anos	Semente de Milho	1	Micro Empresa
EMPRESA 3	8 anos	Agrícola, veterinário e hortifrúti	15	Pequeno Porte
EMPRESA 4	18 anos	Suinocultura, Avicultura e Silos	9	Pequeno Porte
EMPRESA 5	30 anos	Sementes, adubos e micronutrientes	3	Pequeno Porte

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

O tempo de atuação das empresas no mercado varia entre 8 a 30 anos, sendo que a Empresa 3 possui 8 anos de atuação, as Empresas 4 e a Empresa 2 atuam, respectivamente, 18 e 22 anos, e as outras duas possuem igualmente, 30 anos de atuação no mercado. Os resultados apontam que as empresas, quanto ao seu tempo de permanência no mercado, estão consolidadas. Quanto ao porte das empresas, a Empresa 1 está enquadrada como empresa de médio porte, a Empresa 2 como micro empresa e as demais com empresas de pequeno porte.

Classificadas segundo estabelecido pela Lei Complementar 123, onde as microempresas, assim consideradas pelo seu faturamento de receita bruta igual ou inferior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais). E as empresas de pequeno porte, tem seu faturamento, como sendo receita bruta superior a R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e igual ou inferior a R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais). E em se tratando das empresas de médio porte, enquadrada por seu faturamento igual ou inferior a R\$ 6.000.000,00 (seis milhões de reais), de acordo com a Medida Provisória nº 2.190-34/2001, considerada pela ANVISA.

A empresa enquadrada como microempresa, possui menor quadro de funcionários, contando somente com um colaborador. Já a empresa de médio porte possui o maior número de funcionários, contando com vinte e três colaboradores. As outras empresas variam seu quadro de funcionários entre três e quinze. Nota-se que os funcionários das quatro empresas com maior tempo atuação no mercado, estão nas empresas praticamente desde sua fundação.

Com relação aos produtos comercializados pelas empresas pesquisadas, há uma variação dos ramos, quatro empresas comercializam produtos relacionados à agricultura,

sendo que 2 duas destas também comercializam produtos veterinários. Somente uma das empresas comercializam produtos da pecuária, e uma das empresas está voltada somente para produtos da suinocultura, avicultura e silos.

4.2 CAPITAL DE GIRO

4.2.1 Análise dos controles financeiros utilizados na administração do capital de giro

As empresas foram indagadas em relação à utilização dos controles financeiros na gestão do capital de giro das empresas. No Quadro 6, está demonstrada a utilização desses controles.

**QUADRO 6 - CONTROLES FINANCEIROS UTILIZADOS
PELAS EMPRESAS**

REALIZAM OS CONTROLES FINANCEIROS	QUANTIDADE DE EMPRESAS
Controle do Fluxo de caixa	4
Controle do Estoque	4
Controle de Contas a Receber	5
Controle de Contas a Pagar	5

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Na pesquisa observou-se que, no que se refere ao Controle de Fluxo de caixa, somente uma empresa não utiliza o controle de caixa, mas afirmou estar em fase de implantação de *software* para que seja realizado este acompanhamento. Para Assaf Neto e Silva (2012) o fluxo de caixa é um controle que possibilita o planejamento e administração dos recursos financeiros de uma empresa, sendo indispensável, de forma gerencial, nas tomadas de decisões financeiras. Todas as empresas que realizam o controle de fluxo de caixa utilizam um *software* específico, sendo que uma delas faz o uso diário de planilhas no Excel, afirmando ter melhor controle e garantia com o uso das duas ferramentas. Duas das empresas fazem o acompanhamento diário do fluxo de caixa, realizando um fechamento mensal. E outras duas realizam de forma semanal.

Em se tratando do Controle de Estoque, que é utilizado por quatro das empresas pesquisadas, o Quadro 7 mostra as técnicas utilizadas pelas mesmas.

QUADRO 7 - TÉCNICAS UTILIZADAS NA GESTÃO DE ESTOQUE DAS EMPRESAS

TÉCNICAS DE GESTÃO DE ESTOQUE	QUANTIDADE DE EMPRESAS
Lote econômico	0
Sistema ABC	1
Estoque de segurança	4
Ponto de Pedido	2

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Somente a Empresa 5 não utiliza um controle de estoque, justificando que seus produtos são entregues diretamente do fornecedor para o cliente, pelo fato do volume e principalmente para melhor controle de qualidade do produto, que conforme Assaf Neto e Silva (2012) pode-se chamar de *just-in-time* que significa que a eliminação do estoque, onde a determinação do mesmo depende da demanda exigida. O controle mais utilizado pelas empresas é o Estoque de Segurança, que possibilita cobrir eventual falta de produtos, com isso é importante destacar que para Assaf Neto e Silva (2012) o investimento em estoque de segurança pode aumentar as inversões deste ativo, necessitando confrontar a rentabilidade do atendimento ao cliente com o investimento neste estoque. A Empresa 2 sempre mantém um estoque maior do que o previsto para venda, pois tem a facilidade de devolução, no caso de sobras. Uma das empresas que utiliza o Estoque de Segurança como técnica, diz também manter um estoque conforme a média do mesmo período, referente ao ano anterior.

A Empresa 4 utiliza três das técnicas indagadas na pesquisa, que além da técnica já citada, também utiliza a técnica Ponto de Pedido, que estabelece um determinado volume de estoque para realizar um novo pedido, e a técnica Sistema ABC, que divide o estoque em três grupos, pois seus produtos variam entre mercadorias que saem em maior quantidade, mas com valores menores, e mercadorias que saem com pouca frequência, mas com valores bastante significativos. O entrevistado da Empresa 3 comentou em relação à importância da gestão do estoque nas empresas, e acredita que os empresários precisam de mais conhecimento nesta área, pois em sua visão o estoque é o “coração” da empresa.

Com relação aos Controles de Contas a Receber e Contas a Pagar, todas as empresas realizam o uso desses controles utilizando um software específico. E quatro delas realizam esse controle de forma sincronizada. A Empresa 4 diz realizar pagamentos, praticamente, de forma diária, e com recebimentos semanais. Conforme Paulo e Moreira (2003) mesmo que haja sincronia entre os recebimentos e pagamentos, não pode ser realizado de forma perfeita,

exigindo assim que a empresa mantenha um caixa mínimo para que a empresa possa honrar com suas obrigações.

O Quadro 8 apresenta as políticas de créditos adotadas pelas empresas pesquisadas

QUADRO 8 - POLÍTICAS DE CONCESSÃO DE CRÉDITO UTILIZADAS PELAS EMPRESAS

POLÍTICAS DE CONCESSÃO DE CRÉDITO	QUANTIDADE DE EMPRESAS
Informações bancárias	2
Referencial comercial	2
Histórico de compras	4
Análise cadastral e consulta a órgãos de crédito	3
Limite de crédito	1
Conhecimento pessoal	1
Contrato com a CPR	1

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A maioria das empresas considera o histórico de compras dos clientes, como forma de análise da concessão de crédito, somente a Empresa 2 que utiliza o conhecimento pessoal, como único critério para a concessão de crédito, a mesma afirmou ter estabelecido uma quantidade x de clientes, e que esses clientes já tem um histórico juntamente com a empresa, e os considera suficiente, e não se preocupa em alcançar novos clientes. Três das empresas utilizam como critério de concessão de crédito a análise cadastral e consulta á órgãos de crédito, estas empresas fornecem uma maior variedade de produtos, trazendo maior necessidade de adoção desse critério. A Empresa 1 afirma utilizar todas as proteções oferecidas pelo mercado.

A Empresa 3 diz que, além de utilizar o referencial comercial, consultas a órgão de crédito, e o histórico de compras do cliente junto à empresa, também utiliza de contratos com Cédula de Produtor Rural (CPR), pois fornece maior garantia no recebimento. A Empresa 4 afirma realizar uma análise no cadastro de clientes a cada seis meses, possibilitando fazer alterações no cadastro, por exemplo, o aumento do limite de crédito para o cliente. A Empresa 5 declara não haver preocupações quanto ao crédito concedido aos seus clientes, já que 90% das vendas realizadas tem seu recebimento de forma direta com os bancos, dos quais seus clientes adquirem financiamento para aquisição dos produtos. Santos (2010) mostra que a política de crédito é de fundamental importância na lucratividade de uma empresa. Pois afeta de forma direta o capital de giro, o caixa da empresa e sua rentabilidade.

O Quadro 9 apresenta as políticas de cobrança e controle de inadimplência.

QUADRO 9 - POLÍTICAS DE COBRANÇA E CONTROLES DE INADIMPLÊNCIA UTILIZADOS PELAS EMPRESAS

POLÍTICAS DE COBRANÇA	QUANTIDADE DE EMPRESAS
Negociação direta com o cliente	5
Bloqueio das Vendas	3
Protesto de Títulos	0
Ação Judicial	1

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Todas as empresas envolvidas na pesquisa optam principalmente pela negociação direta com os clientes. Com a justificativa de que 90% dos clientes são fixos. E também em relação às quantias que são fornecidas a estes clientes, que representam um volume bastante significativo. Dentre as empresas, duas, destacaram que sua margem de inadimplência é mínima, uma delas justifica o fato de terem estabelecido um grupo de clientes fixos no decorrer dos anos, e a outra é a que faz uso de Contrato utilizando a CPR. A Empresa 4 além de optar pela negociação direta, também analisam o histórico do cliente, se o histórico do cliente for bom, eles negociam com maior facilidade, mas se o histórico do for ruim, é feito o bloqueio imediato das vendas para o mesmo. Já a Empresa 5 declara que praticamente não tem casos de necessidade de cobrança, pois a maioria dos recebimentos é diretamente dos bancos, mas no caso de necessitar, realiza a negociação direta, e se caso a negociação não resolva, usam os meios da justiça.

4.2.2 Avaliação das ações voltadas para gestão do capital de giro das empresas

As empresas foram indagadas sobre as ações tomadas em relação ao planejamento da gestão do capital de giro. O Quadro 10 apresenta as ações tomadas pelas empresas.

QUADRO 10 - AVALIAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO DO CAPITAL DE GIRO

GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO	QUANTIDADE DE EMPRESAS
Realiza o planejamento para gestão do capital de giro	3
Realiza um Planejamento para adequação ao período sazonal das vendas	5
Realiza a Mensuração da Necessidade do Capital de Giro	2
Realiza as análise dos Ciclos Econômicos, Financeiro e Operacional	1
Realiza o cálculo dos Prazos Médios de Recebimento, Pagamento e Estocagem	2

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

As empresas que não realizam um planejamento voltado ao capital de giro, são as empresas que trabalham somente com produtos agrícolas, elas não acreditam na necessidade deste tipo de planejamento. Já a Empresa 1 realiza este planejamento, e diz estar comprometida com um planejamento praticamente diário voltado para o capital de giro da empresa, destacou o tempo de atuação da empresa no mercado, e vê a necessidade de um acompanhamento diário, realizado através do software utilizado pela empresa. A Empresa 3 realiza um planejamento relacionado ao capital de giro de forma trimestral, e a Empresa 4 desenvolve um planejamento mensal. Assaf Neto e Silva (2012) consideram que, a administração do capital de giro é imprescindível para o sucesso de uma empresa, podendo evitar a falta de recursos disponíveis, que é fundamental para que a empresa mantenha a suas operações.

No que se refere à sazonalidade de vendas, todas as empresas precisam se adequar a este período, pois todas apresentam esta sazonalidade devido ao ramo em que estão relacionadas. A Empresa 2 que realiza um planejamento periódico a cada seis meses, e a Empresa 3 a cada oito meses. A empresa que realiza um planejamento a cada três meses destacou fazer as provisões necessárias, e providenciando, se for o caso, financiamentos ou empréstimos, que supram o giro da empresa neste período. As empresas que trabalham com produtos veterinários, notam o maior pico na época de campanhas de vacinação. A Empresa 5 fez a observação sobre a necessidade do planejamento para este período, pois mesmo que não há muita movimentação relacionada às vendas, as obrigações fixas da empresa permanecem.

Quando questionadas em relação à mensuração da Necessidade de Capital de Giro, que conforme Santos (2010), é um dos maiores desafios enfrentados pelos gestores, por exigir um maior conhecimento em relação ao sistema operacional da empresa, e duas empresas afirmam realizar os cálculos necessários, ambas utilizam o software da empresa pra tais provisões e fazer as análises para tomada de decisões. Uma delas destacou realizar esta mensuração de forma trimestral além de fazer uma análise de todos os custos e orçamentos que já estão previstos para o período. Uma das empresas, que não realiza estas provisões, está em fase de implantação de um software que os possibilite fazer todos estes acampamentos.

A pesquisa ainda procurou investigar quais as fontes utilizadas para manter o capital de giro das empresas. O Quadro 11 apresenta as fontes utilizadas pelas empresas.

QUADRO 11 - FONTES UTILIZADAS PARA MANTER O CAPITAL DE GIRO DAS EMPRESAS

FONTES DO CAPITAL DE GIRO	QUANTIDADE DE EMPRESAS
Empréstimos/Financiamentos a Curto Prazo	2
Empréstimos/Financiamentos a Longo Prazo	2
Capital Próprio	2
Recursos provenientes da Atividade Operacional da Empresa	4

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Entre as fontes utilizadas pelas empresas para manter o capital de giro, os recursos próprios estão indicados por três empresas, como sendo suas únicas fontes. Uma das empresas diz que além de utilizar os recursos próprios também utiliza de financiamentos e capital dos sócios. E outra empresa declarou que 80% de suas fontes são financiamentos e 20% de capital dos sócios.

E em se tratando da análise dos ciclos econômicos financeiros e operacional das empresas, somente uma das empresas pesquisadas diz realizar este acompanhamento, mas destacou serem feitos por um escritório de consultoria contratado pela empresa. E ainda indicou o prazo do ciclo econômico entre 61 e 90 dias, o prazo financeiro entre 91 e 120 dias e por fim o prazo operacional acima de 120 dias.

No tocante a realização dos cálculos dos prazos médios de recebimento, pagamento e estocagem, somente duas empresas realizam este acompanhamento. Ambas as empresas realizam de forma trimestral, sendo que uma das empresas indicou seu prazo de recebimento voltado para acima de 120 dias, o prazo de pagamento entre 31 e 60 dias e o prazo de estocagem entre 61 e 90 dias. E a outra indicou seus prazos como sendo, entre 31 a 60 dias o prazo de recebimento, entre 01 e 30 dias o prazo de pagamento, e entre 61 e 90 o prazo de estocagem.

4.2.3 Utilização das demonstrações financeiras na gestão do capital de giro

O Quadro 12 mostra como é realizada a utilização das demonstrações financeiras nas empresas estudadas.

QUADRO 12 - UTILIZAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS NA GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO DAS EMPRESAS

UTILIZAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS	QUANTIDADE DE EMPRESAS
A empresa utiliza as demonstrações financeiras na gestão do capital de giro	2
A empresa utiliza os indicadores de liquidez	1
A empresa utiliza os indicadores de rentabilidade	1
A empresa utiliza os indicadores de endividamento	2

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Quando questionadas em relação à utilização das demonstrações financeiras, somente duas empresas observam a Demonstração do Resultado do exercício (DRE), a Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) e o Balanço Patrimonial (BP) para a gestão do capital de giro. Uma das empresas diz que a elaboração das demonstrações é realizada pela própria empresa, destacando que o software dá todo o suporte, deixando a cargo do escritório de contabilidade somente a parte fiscal, mas afirma não utilizá-las para fins de cálculos de indicadores. O entrevistado da mesma fez uma observação deixando bem claro, não acreditar na necessidade desses cálculos, destacando que a seu ver, a prática é uma realidade muito diferente, do que se vê na teoria. Já a outra empresa analisa todos os indicadores de liquidez, rentabilidade e de endividamento, que são fornecidos pela empresa de consultoria contratada. As demais empresas afirmam que recebem as demonstrações dos escritórios de contabilidade, mas não fazem o uso delas nas tomadas de decisões. Segundo Soares Neto (2011) o uso das informações contábeis e gerenciais adequadas, de forma preventiva e previsível auxilia o empresário nas tomadas de decisões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em atenção à importância da gestão do capital de giro, para garantir a sobrevivência das empresas, este trabalho teve o objetivo de identificar quais as práticas utilizadas na gestão do capital de giro em empresas do comércio de produtos agropecuários da Cidade de Dourados/MS, investigando quais os controles financeiros utilizados pelas empresas, como é realizado o planejamento e definição do capital de giro, e o grau de utilização das demonstrações financeiras para tal planejamento. Através da análise de conteúdo resultante das entrevistas realizadas junto a gestores das empresas analisadas.

Com a análise realizada, conseguiu-se identificar as práticas voltadas para a gestão do capital de giro das empresas, observando que as empresas com maior fluxo e variedades de produtos, fazem o uso dos controles financeiros essenciais para a gestão do capital de giro. Fazendo o uso principalmente do controle de fluxo de caixa, para o planejamento e tomada de decisões.

O primeiro objetivo de identificar os controles utilizados pelas empresas, sendo alcançado através das respostas obtidas na entrevista, onde se verificou que as empresas utilizam dos controles de fluxo de caixa, estoque e contas a receber e a pagar, observando que somente uma das empresas não realiza o controle de fluxo de caixa, devido ao período sazonal das vendas enfrentado pela empresa, e pelo fato de seu quadro de funcionários ser reduzido, excluindo assim a empresa da necessidade de um controle de fluxo de caixa com período menor que seis meses, a ainda assim está em fase de implantação de um software para realizar este controle.

Para o controle de estoque não é diferente, pois a única empresa que não realiza este controle e que está excluída da necessidade de manter um estoque, devido ao produto comercializado pela mesma.

E se tratando do controle de contas a pagar e a receber foram identificados em todas as empresas, realizados através de softwares ou planilha em Excel. Sendo acompanhados conforme a necessidade de cada empresa. Na Empresa 4, foi identificado que a mesma faz pagamentos de forma diária e tem recebimentos praticamente semanais, que poderia causar uma certa deficiência na disponibilidade dos recursos, se os seus pagamentos forem superiores aos seus recebimentos.

Com relação ao segundo objetivo que visa avaliar as ações voltadas para a gestão do capital de giro das empresas, verificou-se que somente três empresas realizam um planejamento voltado para a gestão do capital de giro, contudo, observou-se que as mesmas

não se utilizam de todas as ferramentas disponíveis para este planejamento, como cálculos dos prazos médios e análises dos ciclos econômico, operacional e financeiro de suas empresas.

E por fim, o terceiro objetivo que visava identificar o grau de utilização das informações contábeis na gestão do capital de giro, onde somente as Empresas 1 e 3 buscam observar as demonstrações financeiras, como Balanço Patrimonial, DRE e DFC, na gestão de sua empresa. Acreditando que esta análise é realizada de forma não aprofundada, pois a Empresa 1 não utiliza de ferramentas como cálculo dos indicadores financeiros, endividamento ou rentabilidade. Já a Empresa 3, apesar de terem estes cálculos fornecidos pelo escritório de consultoria, observou-se que a análise desses cálculos é um tanto superficial.

A pesquisa limitou-se em analisar somente as práticas adotadas na gestão do capital de giro, identificando os controles e ações tomadas pela empresa, e não buscando obter números que revelassem o capital de giro obtido pela empresa para a execução do ciclo operacional da mesma. E como a pesquisa limitou-se às empresas matrizes da cidade de Dourados, isso se torna um fator de limitação da pesquisa.

E a partir das conclusões obtidas por esta pesquisa, sugere-se para novas pesquisas a investigação da limitação da utilização das informações contábeis na gestão do capital de giro pelas empresas, análise da gestão do capital de giro em empresas prestadoras de serviços e também em indústrias.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A.; SILVA, C. A. T. **Administração do Capital de Giro**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BARDINI, Caroline Z. **GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO**: Um estudo de caso nas empresas de beneficiamento de arroz do município de Turvo/SC. 2012. 140 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel Curso de Ciências Contábeis) – Universidade Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2012.

BRASIL. **Lei Complementar n.º 123**, de 14 de dezembro de 2006. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; altera dispositivos das Leis n.º 8.212 e 8.213, ambas de 24 de julho de 1991, da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943, da Lei n.º 10.189, de 14 de fevereiro de 2001, da Lei Complementar n.º 63, de 11 de janeiro de 1990; e revoga as Leis n.º 9.317, de 5 de dezembro de 1996, e 9.841, de 5 de outubro de 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp123.htm> Acesso em: 05 de ago 2016.

BRASIL. **Medida Provisória n.º 2.190/34**, de 23 de agosto de 2001. Altera dispositivos das Leis n.º 9.782, de 26 de janeiro de 1999, que define o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária e cria a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, e n.º 6.437, de 20 de agosto de 1977, que configura infrações à legislação sanitária federal e estabelece as sanções respectivas, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2190-34.htm> Acesso em: 15 mar. 2017.

BRASIL. Portal Brasil. **Micro e pequenas empresas movimentam R\$ 10,78 bi nas compras públicas de 2015**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/10/micro-e-pequenas-empresas-movimentam-r-10-78-bi-nas-compras-publicas-de-2015>> Acesso em: 15 de ago 2016.

BRASIL. Portal Brasil. **Setor agropecuário aumenta postos de trabalho em junho**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/07/setor-agropecuario-aumenta-postos-de-trabalho-em-junho>> Acesso em: 15 mar. 2017.

BRASIL. Portal Brasil. **Sobrevivência e Mortalidade**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2012/02/sobrevivencia-e-mortalidade>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

BRASIL. Secretaria de Micro e Pequena Empresa da Presidência da República. **Tratamento Diferenciado às Micro e Pequenas Empresas**: Legislação para Estados e Municípios. Disponível em: <http://smpe.gov.br/assuntos/cartilha_tratamentodiferenciado_mpe.pdf> Acesso em: 06 de ago 2016.

BRIGHAM, Eugene F., EHRHARDT, Michael C.. **Administração Financeira**. 10 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERREIRA, C. C. et al. Gestão de capital de giro: contribuição para micro e pequenas empresas no Brasil. **Revista de Administração Pública – RAP**, Rio de Janeiro, RJ, v. 45, n. 3, p. 863-84, maio/jun. 2011. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/7018>>. Acesso em: 02 jul. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios da Administração Financeira**. 12 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

IUDÍCIBUS, Sergio de. **Análises de Balanços**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 210.

KALSING, Adriano. **Análise de gestão de capital de giro de uma empresa moveleira do vale do Taquari**. 2015. 64 f. Monografia do Curso de administração – Centro Universitário UNIVATES. Lajeado, 2015.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: atlas, 2010.

LONGENECKER, J. G. et al. **Administração de Pequenas Empresas**. 13. ed. São Paulo: Thomson Brooks, 2007.

MATARAZZO, Dante C. **Análises Financeira de Balanços: abordagem gerencial**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MORANTE, Antonio S. **Análises das Demonstrações Financeiras**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PAULO, A. O., MOREIRA, H. L. **O capital de giro como fator estratégico para o desempenho econômico-financeiro das empresas: um estudo de caso**. 2003. 23 f. Curso de Ciências Contábeis - Universidade Federal do Pará – UFPA, 2003.

ROSS, Stephen A. et. al. **Administração Financeira**. 10 ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

SAMPIERI, Roberto H. et al. **Metodologia de Pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, E. O. **Administração Financeira da Pequena e Média Empresa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SANTOS, L. M.; FERREIRA, M. A. M.; FARIA, E. R. Gestão Financeira de Curto Prazo: Características, Instrumentos e Práticas Adotadas por Micro e Pequenas Empresas. **Revista de Administração da UNIMEP**, Piracicaba, SP, v. 7, n.3, p. 70, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.regen.com.br/ojs/index.php/regen/article/view/145>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

SEBRAE. Micro e Pequenas Empresas geram 27% do PIB do Brasil. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD>> Acesso em: 15 de ago 2016.

SEBRAE. Anuário do trabalho na micro e pequena empresa. 2013. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/SP/Pesquisas/MPE_conceito_empregados.pdf>. Acesso em: 16 de mar. 2017.

SEBRAE. Anuário do Trabalho na Micro e Pequena empresa. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/anuario/2013/anuarioSebrae2013.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

SEBRAE. Boletim de Estudos e Pesquisas. As atividades econômicas que predominam entre os pequenos negócios. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/bep_agosto2016.pdf> Acesso em: 05 ago. 2016.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, H. C. F. **Capital de giro**: uma ferramenta de apoio à gestão financeira. 2012. 22f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campina Grande, 2012.

SOARES NETO, A. C. **Fatores que influenciam na sobrevivência das Micro e Pequenas Empresas: A Gestão Eficaz do Capital de Giro**. 2011. 95 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) – Faculdade Campo Limpo Paulista – FACCAMP, Campo Limpo Paulista, 2011.

SOUZA, L. C. et al. Uso da contabilidade de gestão nas micro e pequenas empresas de Dourados – MS. In: VIII Congresso Iberoamericano de Administración Empresarial y Contabilidad. 046., 2012, Peru. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/905361/viii-ciaec-046-uso-da-contabilidade-de-gest%C3%A3o-nas-micro-e>> Acesso em: 20 mar. 2017.

SOUZA, R. A.; SOUZA, A. A. Gestão do capital de giro em Micro e Pequenas Empresas: Estudo de casos em empresas do comércio varejista de Passos-MG. **Revista FACEF PESQUISA**, Franca, São Paulo, v. 14, n.1, p. 39-51. jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/facefpesquisa/article/view/265/257>>. Acesso em 14 de jul. 2016.

SPADER, M. **Gestão do capital de Giro**: o caso de um comércio varejista de peças automotivas. 2011. 71f. Trabalho de Conclusão de curso (Curso de Especialização em Gestão de Negócios Financeiros) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2011.

APÊNDICE A - TERMO DE COSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa de Gestão do Capital de Giro em Empresas do Comércio de Produtos Agropecuários da cidade de Dourados – MS, conduzida por Eleticia Gomes Rodrigues Leite.

Este estudo tem como objetivo identificar as práticas utilizadas na administração do capital de giro em empresas do comércio de produtos agropecuários da cidade de Dourados - MS.

Esta pesquisa será baseada no levantamento de dados, através de entrevista pessoal, com perguntas estruturadas, contendo 75% das perguntas abertas e 25% de múltipla escolha. Todas as perguntas estão relacionadas à administração do capital de giro dentro da empresa.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo da sua participação. Todos os dados coletados serão divulgados de forma consolidada para fins do resultado da pesquisa.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine no final deste documento, que possui duas vias, sendo uma via sua, e outra do pesquisador (a) responsável.

Segue o contato do pesquisador (a) responsável: Eleticia Gomes Rodrigues Leite, e-mail: eleticia_grl30@hotmail.com, acadêmica do Curso de Ciências Contábeis na Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia - FACE– Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, Fone: (67) 3410-2046.

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Dourados, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do Entrevistado (a): _____

Assinatura do pesquisador (a): _____

APÊNDICE B – Questionário aplicado para analisar a gestão do capital de giro em empresas do comércio de produtos agropecuários na cidade de Dourados – MS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

Este questionário visa coletar dados para análise da gestão do capital de giro em empresas do comércio de produtos agropecuários da cidade de Dourados – MS. Realizado juntamente com o Prof.º Dr. Antonio Carlos Vaz Lopes. Para isto preciso de sua participação, e me comprometo em tratar os dados coletados com sigilo.

Autora: Eleticia Gomes Rodrigues Leite

Data: ___/___/2017

1. QUESTÕES RELACIONADAS À IDENTIFICAÇÃO DA EMPRESA

Nome da Empresa: _____

Nome do Entrevistado: _____ Sexo: _____

Cargo/função: _____

Tempo na função: _____

Grau de escolaridade: () Ensino Médio () Ensino Superior () Pós-graduação

2. INFORMAÇÕES GERAIS

2.1 Qual o tempo de atuação da empresa no mercado? _____

2.2 Qual o número de funcionários? _____

2.3 Qual o Porte da Empresa? _____

3. QUESTÕES RELACIONADAS À ADMINISTRAÇÃO DO CAPITAL DE GIRO

3.1 A empresa realiza um planejamento voltado para a gestão do Capital de Giro? Com que frequência?

3.2 Quais as fontes mais utilizadas para manter o capital de giro da empresa?

3.3 A empresa utiliza as demonstrações financeiras na gestão do Capital de Giro? Quais?

3.4 Quem realiza a elaboração das demonstrações financeiras?

3.5 A empresa utiliza o Fluxo de Caixa como instrumento na gestão do capital de giro? Qual o período do Fluxo de Caixa? Qual a ferramenta utilizada?

3.6 Há sazonalidade com relação às vendas efetuadas pela empresa? Caso afirmativo, a empresa realiza um planejamento financeiro adequando-se a esse período sazonal?

3.7 Como é definida a Política de Crédito da empresa? Esta política adequa-se as mudanças enfrentadas pela empresa? Há variação de cliente para cliente?

3.8 Quais os critérios estabelecidos para a concessão do crédito?

3.9 Como é definida a Política de Cobrança da empresa? Esta política adequa-se as mudanças enfrentadas pela empresa? Há variação de cliente para cliente?

3.10 Quais as políticas de cobrança utilizadas pela empresa?

3.11 Como é realizado o Controle de Contas a Receber e Contas a Pagar? Há um setor responsável? Há sincronia entre os mesmos? E quais as ferramentas utilizadas?

3.12 A empresa realiza análises para o planejamento/definição da gestão do estoque?

3.13 Qual a técnica utilizada para administrar o estoque?

- Lote econômico de compra Estoque de segurança
 Sistema ABC Ponto de Pedido
 Outro: _____

3.14 A empresa efetua a mensuração da necessidade de Capital de Giro? Como é quando é realizado?

3.15 A empresa utiliza de indicadores de liquidez (capacidade de cumprir com as suas obrigações) para melhor análise do capital de giro? Como é feita esta análise?

3.16 Quais dos indicadores de liquidez a seguir são utilizados?

- Liquidez Seca
 Liquidez Corrente
 Liquidez Geral
 Não sei
 Outros: _____

3.17 A empresa utiliza de indicadores de rentabilidade (lucratividade da empresa) para melhor análise do capital de giro? Como é feita esta análise?

3.18 Quais dos indicadores de rentabilidade a seguir são utilizados?

Rentabilidade do ativo

Rentabilidade do Patrimônio Líquido

Não sei

Outros: _____

3.19 A empresa utiliza de indicadores de endividamento (obrigações devidas em curto prazo) para melhor análise do capital de giro? Como é feita esta análise?

3.20 Quais dos indicadores de endividamento a seguir são utilizados?

Composição do Endividamento

Participação de Capital de Terceiros

Margens de Vendas

Não sei

Outros: _____

3.21 A empresa realiza a análise dos Ciclos Econômico, Financeiro e Operacional da empresa?

3.22 Em caso afirmativo, indique com um x o prazo dos ciclos:

Prazo em dias	01 A 30	31 A 60	61 A 90	90 A 120	Acima de 120
Econômico					
Financeiro					
Operacional					

3.23 É realizado o cálculo do Prazo Médio de Recebimentos, Pagamentos e Estocagem? Como e quando é realizado?

3.24 Em caso afirmativo, indique com um x o prazo médio.

Prazo em dias	01 A 30	31 A 60	61 A 90	90 A 120	Acim de 120
Recebimento					
Pagamento					
Estocagem					